

## QUANDO O ADOECIMENTO PSÍQUICO É MARCADO A FERRO E GRILHÕES: reveses do racismo institucional em discentes de comunidades tradicionais na UFPA

Luana Mesquita de Araújo<sup>1</sup>  
Valdomira Conceição Martins<sup>2</sup>  
Maria Amoras<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo trata-se de um relato de experiência acerca do plano de estágio executado no Programa IQ- Conhecimento e Resistência, referente ao componente curricular de estágio supervisionado do Curso de Bacharelado em Serviço Social na UFPA. Os pressupostos teórico-metodológicos que orientaram este trabalho partiram das reflexões de: Almeida (2014), Eurico (2018), Passos (2018), Quijano (2010,2019), Fanon (1961), entre outros. Os resultados obtidos revelam que os discentes de comunidades tradicionais têm a saúde mental impactada severamente, em face das consequências e reveses do racismo institucional: no qual alastra seus 'tentáculos' de morbidade sob seus corpos-territórios já tão impactados por megaprojetos que avançam sobre suas comunidades, o suplante linguístico cultural na Universidade ao se depararem com o letramento acadêmico eurocêntrico e agravantes de vulnerabilidades sociais que interferem substancialmente em suas permanências. Nesse sentido, as reflexões aqui pautadas somam-se aos debates emergentes e a relevância da questão étnico-racial na formação profissional do/da Assistente social na Amazônia.

**Palavras-chave:** Adoecimento mental. Povos tradicionais. Racismo e Serviço social.

### RESUMEN

Este artículo es un relato de experiencia sobre el plan de prácticas realizado en el Programa IQ- Saber y Resistencia, referente al

<sup>1</sup> UFPA (PPGSS-UFPA). Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Serviço Social da UFPA. Mulher de terreiro, Assistente social e Professora de Língua Portuguesa e Literatura. Membro do Programa IQ- Conhecimento e Resistência, integrante do Grupo de Pesquisas Interfaces: relações étnico-raciais, gênero, geração e corpo em territórios Amazônicos. E-mail: [luanamesquitaseso.icsa@gmail.com](mailto:luanamesquitaseso.icsa@gmail.com).

<sup>2</sup>UFPA. Bacharela em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mulher quilombola pertencente ao Quilombo Yorubá Santa Luzia do Bom Prazer Poaçê Moju- PA. E-mail: [valemillykemillymartins@gmail.com](mailto:valemillykemillymartins@gmail.com).

<sup>3</sup> UFPA/PPGSS/FASS. Antropóloga. Doutora em Ciências Sociais – Antropologia. Professora Adjunta da Faculdade de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pará. Líder do Grupo de Pesquisas Interfaces: relações étnico-raciais, gênero, geração e corpo em territórios Amazônicos. Coordenadora do Programa IQ- Conhecimento e Resistência. E-mail: [samoras@ufpa.br](mailto:samoras@ufpa.br).



componente curricular de práticas supervisionadas de la Licenciatura en Trabajo Social de la UFPA. Los presupuestos teórico-metodológicos que orientaron este trabajo se fundamentaron en las reflexiones de: Almeida (2014), Eurico (2018), Passos (2018), Quijano (2010, 2019) Fanon (1961), entre otros. Los resultados obtenidos revelan que los estudiantes de las comunidades tradicionales tienen su salud mental severamente impactada, dadas las consecuencias y retrocesos del racismo institucional: en el que extiende sus 'tentáculos' de morbilidad bajo sus cuerpo-territorios a través del avance de megaproyectos, la lingüística cultural sustitutiva. en la Universidad ante la alfabetización académica eurocéntrica y agravantes de vulnerabilidades sociales que interfieren sustancialmente en su permanencia del Trabajador Social en la Amazonía.

**Palabras-clave:** Enfermedad mental. Pueblos tradicionales Racismo y Trabajo Social.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado da execução do plano de estágio no Programa de Ensino IQ- Conhecimento e Resistência, sendo as atividades realizadas em um período que <sup>4</sup>compreendia a realização do estágio supervisionado, componente obrigatório do Curso de Bacharelado em Serviço Social. Importante situar aos leitores acerca do histórico de atuação do Programa IQ na Universidade e o seu papel dentro do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas.

Ressalta-se que este Programa iniciou como um Projeto de extensão a partir das denúncias de racismo vivenciadas por indígenas e quilombolas estudantes de graduação do Curso de Serviço Social da UFPA, e reiteradamente, priorizou uma ação integradora/crítica/dialógica entre ensino-pesquisa-extensão no percurso formativo dos discentes indígenas e quilombolas da UFPA, encontra-se vinculado a Faculdade de Serviço Social e ao Instituto de Ciências Sociais Aplicadas.

A atuação do IQ soma-se a luta dos indígenas e quilombolas estudantes para a permanência na Universidade, conforme preconiza suas diretrizes técnicas, iniciam a partir de ações que acolhem as demandas que eles apresentam diante das

<sup>4</sup> IQ-CONHECIMENTO E RESISTÊNCIA: Programa de acompanhamento de aprendizagem dos discentes indígenas e quilombolas da UFPA. É coordenado pelas Profa. Dras. Maria Amoras e Prof. Dra. Solange Gayoso.

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

dificuldades, quais sejam: racismo estrutural, xenofobia, discriminação, preconceito étnico-racial e outros agravantes de vulnerabilidades sociais que por ventura assolam o direito de subsistir na Universidade.

Diante disso, este artigo vem ilustrado e estruturado metodologicamente a partir de um relato de experiência, no qual se configura, de acordo com Mussi et al (2021) como uma sistematização metodológica diferenciada que emerge a compreensão e expressão das diferentes possibilidades de pesquisa. Mais do que isso, para os autores, esta abordagem metodológica revela uma possibilidade de expressões de resultados sob um viés crítico-reflexivo a partir da experiência.

Deste modo, é válido situar os disparadores e atravessamentos que permearam as diretrizes teórico-práticas deste trabalho, e o resultados interventivos do plano de estágio apresentaram como principal apontamento crítico e problematizações: o racismo como estruturante do adoecimento mental de discentes de comunidades tradicionais, haja vista que estas demandas têm sido pautas recorrentes nos eventos realizados no âmbito do Projeto e em demais fóruns.

Por conseguinte, os tópicos de desenvolvimento apresentam discussões acerca dos conceitos-chaves do tema, a saber: racismo e adoecimento mental e sobretudo, a escassez deste debate para a formação e atuação profissional em Serviço Social. A relevância desta temática serve, indubitavelmente, para nortear os caminhos e a primordialidade o “pensar e agir” a partir de uma intervenção profissional antirracista que anteponha, decerto, uma mudança e transformação societária mais justa e igualitária.

## 2 RACISMO, RAÇA E COLONIALIDADE: OS INSUMOS VITAIS DOS GRILHÕES

Versamos inicialmente este artigo a partir de uma abordagem um tanto peculiar, diz respeito à construção universal de uma narrativa perpetuada há séculos, e que fantasiam os livros de história, geografia e tantas outras árvores do conhecimento as quais contam os porquês do mundo ser mundo e as cosmogonias

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

que os cercam. Ressalta-se que dentre as tantas e outras narrativas existentes neste processo de entendimento do que vem a ser universal e austero a partir do que compreendemos como “homem”, uma delas se sobressai, ou melhor, será o pilar, a força motriz, o alicerce, os grilhões que aprisionam os “outros”. E a esta narrativa, e ideologia, discurso, o motor, os conhecedores da ciência bem o compreendem, e apresentamos-lhes, a colonialidade e o seu fruto mais grotesco: a invenção da raça.

Importante enfatizar que o conceito de raça designa diferentes significações, no entanto, todas elas contemplam o pressuposto inventado em meados do séc. XIX, “no âmbito de uma ‘ciência das raças’ produzida por antropólogos, psicólogos, sociólogos, ensaístas, filósofos etc., cujo dogma afirmava a desigualdade das raças humanas e a superioridade absoluta da raça branca sobre todas as outras” (SEYFERTH, 2018, p.178).

Para Almeida (2018, p.22), a invenção da raça surge a partir dos laivos e das contradições deixadas pelo colonialismo, ou melhor, nas contradições que este sistema impôs, a universalidade e superioridade do homem branco para subjugar por meio da expansão itinerária e de mercado da burguesia da época. Ou seja, essa mitologia branca, eurocentrada, a ideação de homem a partir da filosofia renascentista e iluminista da época, revelou-se como um princípio ostensivo, escancarado mesmo, para tyrannizar povos que não correspondiam ao modelo branco cultural de ser, viver.

É a partir dessa lógica conceitual que a raça vai consolidar como uma doutrina perpetuada por meio do racismo para justificar por meio da ciência, dos achados filosóficos, biológicos e antropológicos para legitimar a superioridade branca e eurocêntrica diante de outros povos. Neste ínterim, importante situar que a acepção de raça no Brasil e a ideologia do racismo, conforme Seyferth (2018), vai se perpetuar e fundamentar a partir da lógica dos pensadores europeus e sobretudo, a partir da mestiçagem como um álibi engenhoso e cruel para o embranquecimento da sociedade brasileira. Nesse sentido, reafirmando:

Ideologias racistas como o darwinismo social, a antropossociologia (com sua ditadura do índice cefálico), a eugenia (enquanto proposta de "higiene das

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



raças"), a antropologia criminal de Lombroso e Ferri, o rigor numérico da craniologia de Broca, dando respaldo antropológico às hierarquias raciais, até a década de 1920 tinham, para muitos, o estatuto de "ciências" e foram desse modo apropriadas por vários pensadores e cientistas brasileiros. A ideia de raça no Brasil foi, contudo, uma invenção peculiar, inspirada nos vários determinismos raciais europeus e norte-americanos e na presunção da superioridade da civilização ocidental moderna. A mestiçagem e seus efeitos constituiu o tema central da interpretação orgânica da história do Brasil e das especulações acerca do futuro da nação. (SEYFERTH, 2018, p.179).

No que tange às acepções de Quijano (2010), a raça vai servir como o alicerce estruturante para flagelar povos específicos, grupos e segmentos sociais específicos, os servem historicamente aos requintes do colonizador. E ainda, as acepções da colonialidade, arraigada no pensamento ocidental e eurocêntrico da época, vai servir como basilar para a consolidação das relações de poder e a filosofia da classificação racial étnica estrutura os pilares de afincamento do sistema capitalista. Quijano (2014), a racialização foi o primeiro processo histórico por meio do qual a Europa construiu uma narrativa, hierarquizante, entre a população mundial, forjando supostas diferenças biológicas entre dominantes/colonizadores e dominados/colonizados.

En América, la idea de raza fue un modo de otorgar legitimidad a las relaciones de dominación impuestas por la conquista. La posterior constitución de Europa como nueva id-entidad después de América y la expansión del colonialismo europeo sobre el resto del mundo, llevaron a la elaboración de la perspectiva eurocéntrica de conocimiento y con ella a la elaboración teórica de la idea de raza como naturalización de esas relaciones coloniales de dominación entre europeos y no-europeos. Históricamente, eso significó una nueva manera de legitimar las ya antiguas ideas y prácticas de relaciones de superioridad/inferioridad entre dominados y dominantes. Desde entonces ha demostrado ser el más eficaz y perdurable instrumento de dominación social universal, pues de él pasó a depender inclusive otro igualmente universal, pero más antiguo, el inter-sexual o de género: los pueblos conquistados y dominados fueron situados en una posición natural de inferioridad y, en consecuencia, también sus rasgos fenotípicos, así como sus descubrimientos mentales y culturales. (QUIJANO, 2019, p.203)

Posto isso, importante retomar Almeida (2018) acerca do fato que o racismo, ao se materializar como discriminação racial vai ser desenhado a partir de uma lógica sistêmica, no qual não envolve apenas um ato de opressão isolado, individual "mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. ” (ALMEIDA, 2018, p.27). Enfatizamos que na contemporaneidade, esta lógica chamada de colonialidade recria as desigualdades sociais e de classe, ambas atuam sistematicamente para um único fim, o de colocar em posição de subalternidade no acesso a direitos básicos, ascensão e reprodução social: os grupos etnicamente diferenciados.

Retomando para a questão racial como estruturante das desigualdades e a força motriz que orienta as causas do adoecimento psíquico de populações tradicionais, envolve primordialmente o fato de que “o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade” (ALMEIDA, 2018, p.20). Além disso, reconhecer o racismo como estrutural e estruturante das relações sociais é uma metodologia fundamental para desarticular o pensamento neoliberal, reacionário e, sobretudo, “é um exercício de monta no sentido de deslegitimar o discurso ideológico burguês das relações harmoniosas entre os grupos étnicos-raciais” (MARTINS, 2021, p.5-6)

### 3 ENCRUZILHADAS EPISTEMOLÓGICAS SOBRE A SAÚDE MENTAL NO BRASIL

A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a cidade negra, a médina, \* a reserva, é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Aí se nasce não importa onde, não importa como. Morresse não importa onde, não importa de quê. É um mundo sem intervalos, onde os homens estão uns sôbre os outros, as casas umas sôbre as outras. (FANON, 1961, p.29)

É primordial situar que o racismo científico contribuiu para a sustentação de muitos conceitos acerca do que vem a ser saúde mental e as gradações que interferem no sofrimento psíquico. Passos (2018), importante pesquisadora negra no Serviço social, cuja trajetória envolve trabalhos direcionados à luta antimanicomial, revela o fato dos clássicos no campo da psicologia abordarem a saúde mental embrionariamente, entre os séc. XIX e XX, a partir de uma filosofia eugenista entranhada na história da profissão. Ao ponto de que, “hospícios e manicômios tinham

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

entre suas funções o controle da população negra recém liberta que, apesar de empobrecida e desamparada pelo Estado, era temida” (PASSOS, 2018, p.3).

A autora também evidencia que os postulados teóricos presentes na psiquiatria da época foram primordiais para estruturar e fundamentar uma teoria convicta sobre “a crença de que pessoas negras seriam essencialmente inclinadas à violência, à alienação (loucura), além de inferiores intelectual e moralmente.” (Ibidem, p.3). Inclusive, essas acepções racistas eram protocolos para os atendimentos e a compreensão das causas que levam ao sofrimento psíquico da população negra.

Este ideário é muito bem assinalado por Frantz Fanon, influente intelectual e psiquiatra da Martinica, ao esmiuçar sobre as profundezas do racismo e as entranhas que atormentavam o subconsciente branco<sup>5</sup>. Com isso, o autor vocifera:

Nas profundezas do inconsciente europeu elaborou-se um emblema excessivamente negro, onde estão adormecidas as pulsões mais imorais, os desejos menos confessáveis. E como todo homem se eleva em direção à brancura e à luz, o europeu quis rejeitar este não-civilizado que tentava se defender. Quando a civilização européia entrou em contacto com o mundo negro, com esses povos selvagens, todo o mundo concordou: esses pretos eram o princípio do mal. (FANON, 2008, p.161)

Já na sua obra “os condenados da terra”, Frantz Fanon (1961) muito elucidou em suas epistemes acerca de como o colonialismo contribuiu de forma basilar e primordial no que tange ao processo de adoecimento mental da população negra. E que a domesticação seria um dos instrumentos algozes para destituir a humanidade dos colonizados, e nesta ótica o autor bem pontua que 'nem as propriedades nem a conta no banco que caracterizam em primeiro lugar a "classe dirigente". A espécie dirigente é antes de tudo a que vem de fora, a que: não se parece com os autóctones, "os outros". (FANON, 1961, p.30)

<sup>5</sup> A obra em que fazemos referência é “Pele negra, máscaras brancas” publicada em 1952, e se apresenta como um clássico e reverência do pensamento sobre a diáspora africana, colonialismo, colonialidade, e descolonização.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



Neste contexto de subordinação esta mesma ideologia da colonização e do racismo científico, Saska et all (2020, p.3) elucida os flagelos acometidos à população negra nos hospícios e sanatórios, espaços onde se conservava o “uso de todo tipo de violência física, sexual, psicológica, moral e financeira contra encarcerados em hospícios e sanatórios sob alegação de oferta de tratamento médico durante a primeira metade do século XX”. Ressalta-se que estas naturalizações da violência a partir dos corpos subalternizados vão inspirar o arquétipo mais requisitado sobre o manicômio social. Assim:

O manicômio estrutura-se para além de uma edificação, pois mesmo com o fim do hospital psiquiátrico ainda experimentamos inúmeros formatos e formas de apartheid social, expressas pela via da medicalização e patologização da vida, pela internação compulsória, pela esterilização coercitiva, pela higienização urbana e demais fenômenos, ou seja, o manicômio é social, uma vez que ele está introjetado e reproduzido nas relações sociais. (PASSOS, 2018, p.4)

Este modelo de manicômio ainda segue perpetuado no processo de compreensão das moléstias, dos gatilhos que geram adoecimento à população negra, e sobretudo, aos povos tradicionais. Pelas quais muitas de suas pautas são enxergadas a partir da vitimização, demandas menores ou inexistentes, ou mesmo, analisadas a partir de um parâmetro conceitual clínico branco eurocentrado e eugenista. E neste panorama de adoecimento e encarceramento estão reféns aquele segmento específico, os colonizados. E para esta assertividade,

A ciência revela que os corpos não brancos adoecem mais mentalmente. E as referências de conhecimentos trazidas pelos povos indígenas, negros e quilombolas presentes nos debates do encontro científico que a violência e a barbárie historicamente branca e ocidentalizada é o maior fator de risco dos jovens negros, quilombolas e indígenas nos territórios do mundo. (OLIVEIRA, 2020, p.24)

## 4 RELATO DE EXPERIÊNCIA, CAMPO DE ESTÁGIO IQ: SAÚDE MENTAL E DIVERSIDADE EM FOCO

PROMOÇÃO



APOIO





PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



As atividades realizadas no Programa, estiveram alinhadas com a execução do nosso plano de estágio, cuja temática envolvia um estudo exploratório e interventivo sobre a promoção de ações de atenção à saúde mental para estudantes de comunidades tradicionais da UFPA, bem como o mapeamento das redes de serviços com atenção a saúde mental dentro da Universidade. As atividades desenvolvidas em campo no Programa IQ-conhecimento e Resistência apresentaram como objetivo atingir o público-alvo de povos tradicionais inseridos na graduação dentro da Universidade. Utilizamos o período do estágio para conhecimento do campo e das observações diárias com relação aos registros de atendimentos no Projeto, bem como saber mais informações do público-alvo que frequenta, quais as principais demandas que esses discentes apresentam no que concerne a permanência dentro da universidade.

A partir dos dados analisados, atentamos neste artigo para o relato de experiência sobre realização da Roda de Conversa “Saúde mental e diversidade em foco: práticas de autocuidado, acolhimento na Universidade”. No que se refere aos resultados dos debates neste evento, salientamos que os discursos proferidos colocaram em cheque os fatores que ocasionam o sofrimento psíquico, a necessidade orientações em autocuidado, e a denúncia do racismo institucional como agente expressivo que interfere na permanência com qualidade e equidade dos discentes de comunidades tradicionais da UFPA.

No que concerne aos relatos registrados na roda de conversa, a representante da Associação dos Povos Indígenas Estudantes na UFPA - APYEUFPA, Jhosy Galibi Marworno revelou que os discentes indígenas têm seus modos de vida impactados pelo racismo dentro da Universidade, as opressões que as mulheres indígenas sofrem estão pautadas no que afeta o coletivo e deste modo, ela destaca: “falar sobre ajuda os povos indígenas do Brasil, porque eu não falo só por mim, falo por todos, porque aqui na UFPA estamos em uma diversidade, então essas são coisas que a gente vem enfrentando no dia a dia” (MARWORNO, registro diário de campo, 2022). Nesse sentido, a liderança indígena também elencou outros

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



fatores que ocasionam e interferem no adoecimento do seu povo: em destaque o território. Ou seja, os impactos ambientais nas aldeias contribuem primordialmente para o agravo da saúde mental. E deste modo ela pautou a flixa:

Eu sou muito emocional pra falar disso, gente, é porque eu passei por uma situação assim muito triste, mas eu sempre né me travei e vocês da liderança, me dói muito quando eu lembro então é normal para quem conhece sabe, a nossa luta a gente sempre segue porque antes dele a gente já tava, o colega colocou muito bem, quando as indígenas mulheres vão para a luta, tem uma articulação tão forte, uma amiga ela tá no Egito lutando, mas não só lá em Brasília também temos representantes das comunidades indígenas, isso para mim é uma luta foi palco em cima de palcos para trazer nossos direitos.. [...] e ele falou muito bem da educação que é diferenciada nas aldeia, a saúde que é diferenciada ele falou das lutas do território, então tudo isso, tudo que afeta nosso território também afeta a gente. (grifo registrado no relato oral. Diário de campo, estágio obrigatório projeto IQ, 2022)

Neste percurso inteiro em que mais se versou sobre devastação e expropriação, na contemporaneidade seguimos outros tentáculos que, por sua vez, alimentam definitivamente as expressões do sofrimento psíquico para populações tradicionais. O racismo ambiental atinge por meio da violação dos seus territórios impactando meticulosamente os modos de vida, como sofrem e se organizam. Além disso,

O racismo ambiental também é a negação dos corpos negros e quilombolas no espaço da cidade, que na contemporaneidade apenas recentemente adquiriram iluminação pública, postos de saúde, escolas. Com serviços públicos muito aquém de suas necessidades. (OLIVEIRA, 2020, p.4)

Assim sendo, consideramos que o relato enérgico e pungente da liderança indígena Jhosy Galibi Marworno expôs um contexto de opressões as quais envolvem a subsistência na Universidade: práticas de ensino excludentes e situações de racismo, sexismo e todos os modos de opressão nos quais massacram esses povos há séculos de exclusão, que os subalternizam e ocasionam no não reconhecimento das identidades desses sujeitos no âmbito das estruturas de poder, ou seja, das instituições que organizam o Estado. Como reafirma Krenak, a respeito da colonialidade arraigada nos pilares da sociedade e o racismo, ele o designa como

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



patológico a partir da classificação do outro e, sobretudo, mediante a diferença, no qual inclui a natureza, em suas epistemes. “Quando se disse que a diferença é o outro, é a impossibilidade de aceitar a diferença, de aceitar o outro como diferença – isso gerou o que nós reconhecemos historicamente como racismo.” (MILANEZ ET AL, 2019, p.10).

Esta hierarquização e classificação como indumentárias próprias do racismo corroboram e propagam sistematicamente a desumanização “é uma tônica muito comum do racismo e, portanto, do processo de desumanização que antecede práticas discriminatórias ou genocídios até os dias de hoje (ALMEIDA, 2018, p.22). Ou seja, desumanizar povos indígenas também é um dos tentáculos do racismo.

No que tange às expressões do adoecimento para os quilombolas estudantes, analisamos a partir da roda de conversa que antes mesmo de adentrar a Universidade enfrentam também a devastação dos seus territórios diante dos impactos e avanços de multinacionais, e agroestratégias do capital. Nesse sentido, a partir dos relatos do quilombola Ailton Borges, Coordenador de comunicação representante da ADQ, observamos que os seus coletivos estudantis têm evidenciado dificuldades no enfrentamento às expressões do adoecimento mental, a saber:

por que a gente sofre todos os dias né, com esse racismo, isso tem afetado muito a saúde mental dos nossos de dentro da universidade pública, e isso me faz pensar a seguinte questão, será que a gente tem políticas territoriais que realmente atendam essas demandas em questão da saúde mental? Por que se eu não tenho políticas também nesses espaços, eu não vou conseguir fazer o mapeamento desse povo, eu não vou conseguir ver qual a problemática desse povo né, então a gente vê que tem certas fragilidades dentro da universidade, que eu digo não só essa, eu vejo muito dos nossos sofrendo, mandando mensagens desesperados, que tá desistindo do curso, que tá trancando, por que não tá bem emocionalmente, então a gente vê que isso tá seminando como se fosse um câncer dentro na nossa sociedade, né, que vai se alastrando de uma tal forma, que não consegue ter mais controle... (Fonte: grifo registrado no relato oral. Diário de campo, estágio obrigatório projeto IQ, 2022)

O posicionamento crítico deste quilombola estudante muito reafirma as questões críticas acerca das expressões do adoecimento que estão mergulhadas em uma faceta maior, aqui em destaque o racismo estrutural. E deste modo, pontuamos

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



Mbembe (2016, p.7), ao enfatizar como o racismo ocupa um lugar proeminente nas esferas do biopoder, e sobretudo, no que o autor chama de luta econômica de classes. Deste modo, “a raça foi a sombra sempre presente sobre o pensamento e a prática das políticas do Ocidente.”

Ou seja, a partir deste discurso, apreendemos que os quilombolas estudantes têm seus modos de vida impactados severamente, em face do racismo estrutural, por condições alarmantes de morbidade, incapacidade, acesso a serviços, qualidade da atenção, condições de vida, insegurança alimentar, além das violências presenciadas em seus territórios através do avanço do agronegócio, desmatamento e planos de “modernização”. Esse fator remete a necessidade de compreender as trações herdadas da “escravidão moderna”, ou melhor da colonialidade que prevalece sob seus territórios. Além disso:

O adoecimento psíquico nos quilombos têm sido frequentes e, cada vez mais preocupantes, considerando os ataques que sua população vem sofrendo ao longo dos séculos. A desapropriação de suas terras, a desvalorização de sua identidade étnica, a sua precariedade para plantar, cultivar animais e desenvolver produtos advindos de seus conhecimentos com a existência em harmonia com a natureza produz o “enlouquecimento” de muitos de seus membros, que acabam por manifestar comportamentos de alheamento a comunidade, ansiedades de todos os tipos e sentimentos de humilhação e persecutoriedades provocadas pelas populações distintas à população do quilombo (OLIVEIRA,2020, p.11)

Neste ínterim, é válido situar, que os discursos emanados nesta roda de conversa contemplam o fato de que populações tradicionais permanecerem reféns da colonialidade e do racismo institucional. Os grilhões que os aprisionam e os levam ao ápice do sofrimento psíquico escamoteiam-se pela ameaça algoz e sinuosa dos megaprojetos, uma sistematização ideológica racista justificada na economia, ciência, educação, saúde, habitação, e tantos outros pilares cujo racismo estende seus tentáculos, e pregam nada menos que, a morte, a necrose dos povos indígenas, às populações do campo e das periferias das cidades, às comunidades tradicionais, às populações negras, LGBTQIA+. Esses discursos são parte de um projeto maior de

PROMOÇÃO



APOIO



extermínio dos “indesejados”, isto é, de uma necropolítica (Mbembe, 2015), de um colonialismo que sempre desejou o extermínio do colonizado.

Ou melhor, quando falamos em saúde mental às populações tradicionais, afirmamos que nunca fez parte de um projeto societário branco manter o diferente em uma mesma condição de equidade. Para Oliveira (2020) esta ideia da partilha entre os coletivos muito converge a uma lógica aquém deste sistema colonial capitalista, cujo individualismo é a força motriz, é na coletividade que aprendemos sobre partilha. Por esse motivo:

O preceito ancestral de Áfricas e dos quilombos rejeitam o acúmulo do capital em uma só mão. A divisão do bem deve contemplar a todos, porque a vida é dádiva que não nos pertence e, portanto, todos devem se irmanar na condição de repartir o que a natureza fornece a todos os que nela habitam. (Oliveira, 2020, p.18)

## 5 CONCLUSÃO

Todo esse complexo de questões apresentadas neste artigo/relato de experiência remete a essas questões estruturais do racismo institucional são os verdadeiros grilhões que interferem, de forma imprescindível, na permanência dos indígenas e quilombolas, estudantes pertencentes a comunidades tradicionais na Universidade. Estas correntes forjadas no âmago da história, são frutos de um projeto de colonização avassalador que se atualiza no tempo, encarcerando esses grupos no sítio da subalternidade e do sofrimento psíquico.

A importância deste relato de experiência envolve mais que uma denúncia individualizada sobre racismo e suas implicações. Culmina na essencialidade de reafirmar uma formação e atuação profissional antirracista, seja no âmbito dos profissionais em saúde mental, mas sobretudo, dos profissionais em Serviço Social. Haja vista que, em relação à égide da nossa formação profissional, presumir a garantia de direitos, articular e lutar por uma base de organização social livre de todas as formas e opressão, são princípios fundamentais para que a atuação esteja direcionada ao fortalecimento dos direitos humanos, e não para a lógica do capital.

Por conseguinte, a aplicação metodológica deste plano de estágio possibilitou, por meio da observação participante, analisar a reafirmação de como o

### PROMOÇÃO



### APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



racismo, o patriarcado e as questões de classe operam e se camuflam em demandas naturalizadas presentes no cotidiano dos indígenas e quilombolas estudantes. O IQ como um campo de estágio em Serviço social possibilitou e viabilizou o contato com as cosmovisões de populações tradicionais, nos permitindo a arguição de observar criteriosamente que, para esses povos não há uma lógica de periferização da vida, mas do compartilhamento com qualidade e equidade como princípio fundamental da coletividade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** São Paulo: Letramento, 2018.

EURICO, Márcia Campos. A luta contra as explorações/opressões, o debate étnico-racial e o trabalho do assistente social. **Serviço Social & Sociedade**. 2018, n. 133 p. 515-529. Disponível em: ISSN 2317-6318. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.157>. Acesso em 02 Out. 2022.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

\_\_\_\_\_. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira. Salvador : EDUFBA, 2008.

MILANEZ, F. et al.. Existência e Diferença: O Racismo Contra os Povos Indígenas. **Revista Direito e Práxis**, v. 10, n. 3, p. 2161–2181, jul. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/3SxDNnSRRkLbfh3qVFtmBDx/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 8 abr 2023.

MARTINS, Tereza Cristina Santos; SILVA, Nelmiere Ferreira da. **Racismo estrutural, institucional e Serviço Social**. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2020. Disponível em: <https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/racismo-estrutural-202006251609458647220.pdf>. Acesso em 23 abr. 2023.

MARTINS, Valdomira. Diário de campo plano de estágio em saúde mental Projeto IQ. Belém: 2022

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 10 jun. 2023.

OLIVEIRA, R. M. de S. Quilombos, racismo ambiental e formação em saúde e saúde mental: diálogos emergentes. **ODEERE**, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 129-156, 2020. DOI: 10.22481/odeere.v5i10.6876. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/6876>. Acesso em: 20 mar. 2022.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder e classificação social**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. *Espacio Abierto*, vol. 28, núm. 1, 2019, -Marzo, pp. 255-301. Universidad del Zulia: Venezuela. Disponível em: <https://www.decolonialtranslation.com/espanol/quijano-colonialidad-del-poder.pdf>. Acesso em 7 jan 2023.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES PROJETO IQ- CONHECIMENTO E RESISTÊNCIA março a abril de 2018. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas-ICSA. Belém, 2018. Relatório disponível no acervo do IQ.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES PROJETO IQ- CONHECIMENTO E RESISTÊNCIA março a abril de 2021. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas-ICSA. Belém, 2021. Relatório disponível no acervo do IQ.

SASKYA CAMPOS TAVARES, J.; ASSIS DE JESUS FILHO, C. A.; FERREIRA DE

SANTANA, E. Por uma política de saúde mental da população negra no SUS. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 12, n. Ed. Especi, p. 138–151, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1118>. Acesso em: 7 jun. 2022.

SEYFERTH, G. **A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos**. *Anuário Antropológico*, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 175–203, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6581>. Acesso em: 15 mai. 2023.

PASSOS, R. G. “Holocausto ou Navio Negreiro?": inquietações para a Reforma Psiquiátrica brasileira. **Argumentum**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 10–23, 2018. DOI: 10.18315/argumentum.v10i3.21483. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/21483>. Acesso em: 13 mai. 2022.

PROMOÇÃO



APOIO